

Kurial

ISSN 1982-1085





Editores:

Marcelo Cristiano Mantovani e Flávia Alessandra Alves

Comissão Editorial:

Ana Maria Dantas, Beatriz Quirino Arruda, Carlos de Aquino Pereira, Graciema Pires Therezo, Liney de Mello Gonçalves, Margareth Perucci, Maria de Fátima Silva Amarante, Maria Helena Novaes Rodriguez, Maria Inês G. Lucena, Maria Marcelita Pereira Alves, Nair Leme Fobe, Thereza de Moraes

Redator:

Marcelo Cristiano Mantovani

Revisão:

Graciema Pires Therezo e Liney de Mello Gonçalves

Jornalista Responsável:

Denise Tavares MTb 20.688

Projeto Gráfico e Diagramação:

Juliano Ferrari Barbosa

Colaboradores desta edição:

Brunna Cantusio, Denise Tavares, Fábio Blanc, Flávia Alessandra Alves, Fernanda Marchesim Leite, Gustavo Silva, Júlio César da Silva, Nilton Ribeiro dos Santos Júnior, Paulo Henrique Rodrigues, Ricardo Maciel, Thaís Ferraz, Vera Lucia Pereira

Colaboração especial:

Marcia Camargos
Silvia Camarero Ausín e Telmo de Paz Luis (Espanha)

Foto Capa:

Escritores e artistas com Freitas Valle uma semana após a Semana de Arte Moderna de 1922, na entrada da Villa Kyrial. Fotos internas e capa gentilmente cedidas por Marcia Camargos.

Kyrial - Revista de Literatura - Ano 01 - Número 01 - Outubro de 2007 - é uma publicação dos alunos do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. Tiragem de 300 exemplares. Impresso na Terra Arte Gráfica Tel (19) 38694912.

E-mail para contato com a revista: revistakyrial@gmail.com



Sumário



APRESENTAÇÃO: ONDE NASCEM AS PAIXÕES

04

ARTIGO: GUARDIÃ DA MEMÓRIA

05

ENTREVISTA: MARCIA CAMARGOS

07

POESIA:

KYRIAL

11

FLORESCER

11

KYRIAL {APELIDARAM-NA DE VILLA}

11

BICHO-DA-SEDA {ALMA DE PAGU}

12

INCONTESTÁVEL

12

TURBILHÃO

13

THERE WAS A TIME

13

14

CONTO: A GUERRA DAS LETRAS

15

CRÔNICA:

CIGARROS

16

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA ADULTA

16

17

OPINIÃO: ESTUDOS DA MULHER

18

CINEMA: OS SONHADORES

19

ENSAIO: LA GUERRA EN PROVINCIAS

20

CONCURSOS:

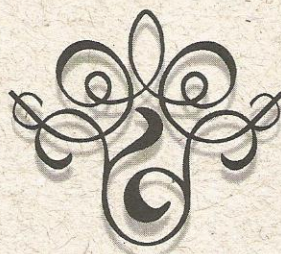
25

I CONCURSO DE MICROCONTOS

25

I CONCURSO DE "FAIRY TALES"

26



Apresentação

ONDE NASCEM AS PAIXÕES

Há livros que, uma vez lidos, nos acompanham durante a vida toda. Há histórias e personagens que parecem habitar nossas mentes, lúcidas e sedentas por reinventar a vida corriqueira e trazer à memória seu lado mais doce, aquele que as paixões jamais abandonam.

Quando menino, eu costumava devorar as páginas de uma coleção antiga da obra do Lobato. Naquele tempo, eu era como um neto de Dona Benta, sempre atento a uma nova aventura no Sítio.

Mais tarde, O Pequeno Príncipe foi uma descoberta. Eu acreditava que, em algum lugar deste vasto mundo, pudesse existir um planeta só meu. Mas, aí, vieram as inesquecíveis façanhas de Ivanhoé, Robinson Crusóé, A ilha do Tesouro, As viagens de Gulliver, Moby Dick, Huckleberry Finn... E quando eu achava que a grande aventura humana estava em uma ilha perdida ou em Lilliput, o coração bateu mais forte, e quase não agüentou o fluxo intenso da mente de Virginia Woolf, que trouxe consigo uma dúzia de amigos do Bloomsbury. E eu entrei para o curso de Letras.

Em toda paixão, há, sempre, uma inquietação. Aquela busca insaciável por entender por que Ana Karenina desistiu de Vronsky, ou aquele mistério em torno do adultério de Capitu. Certa vez, perguntaram ao Raduan Nassar por que ele havia deixado a literatura para cuidar de seu sítio, no interior de São Paulo. Nassar disse que literatura é fruto da paixão, que ninguém sabe onde nem quando nasce e termina.

É muito provável que essa mesma paixão, sem data nem local de nascimento, também tenha inspirado Shakespeares, Joyces, Faulkners e Lawrences. E tenha feito da Villa Kyrial o grande refúgio dos artistas brasileiros no século passado. É dessa paixão atemporal que nasceu o desejo de fazer desta publicação um espaço aberto para novos (e por que não?) consagrados escritores. Sem dispensar o requinte daquela bela época, tão idealizada por Freitas Valle, no auge dos anos 20, Kyrial ganha vida a cada vocábulo escrito, símbolo de expressão do nosso tempo, símbolo da nossa história.

Assim, eu o convido, caríssimo leitor, poeta, escritor e amante da palavra-arte, tão indispensável, a desfrutar do espaço íntimo das sensações, cheiros e sabores de páginas repletas dos pequenos detalhes que transformam nosso cotidiano nessa experiência enriquecedora que leva a outras direções, abrindo sempre caminhos nunca antes visitados.

Que, das mais variadas formas, o desejo de compartilhar experiências pessoais em nossa trajetória de leituras traga os encantamentos dos lugares mais distantes e inesperados.

Kyrial é fruto dessa paixão pela literatura.

Marcelo Cristiano Mantovani

Artigo

GUARDIÃ DA MEMÓRIA

por Denise Tavares

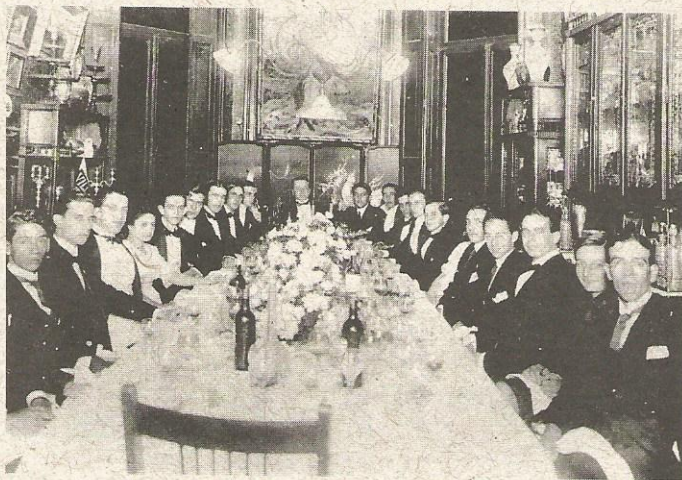
Acaso. Feliz coincidência. Sorte. Marcia Camargos começa a contar sobre os encontros encantados que teve com os ricos momentos da cultura brasileira desse jeito simples, que não coloca purpurina na autora. Podemos até concordar com ela, mas o fato é que esta jornalista, escritora e Doutora em História Social tem uma imensa capacidade de transformar acaso em obra fundamental. Foi assim com a história de um dos nossos maiores escritores que resultou no já clássico "Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia", do qual é co-autora. Ou ainda "Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana" que, claro, também começou por estas generosidades da vida, como ela nos conta aqui, em entrevista realizada por e-mail, que ainda teve outro momento, desta vez por telefone.

Fala rápida, acolhida generosa, mergulho profundo às causas que abraça, Marcia Camargos não diz não à polêmica quando se trata de defender o que acredita. Incansável, criou a Sociedade dos Observadores de Sac e repete, em artigos que se espalham pelo mundo internet afora: "Abaixo o HALLOWEEN viva o SACI !!!" Também enfrentou Danuza Leão, que descreveu ironicamente uma festa junina do presidente Lula em artigo no jornal Folha de São Paulo, de 15 de junho de 2004: "Por que a idéia de celebrar as bodas de pérola com uma festa autenticamente brasileira, comemorada de Norte a Sul no país inteiro, não é apropriada?", questiona, localizando o preconceito da articulista.

É esta ousadia, quem sabe, que permitiu à escritora lançar novos olhares sobre o passado. Foi assim com um dos ícones da história da cultura brasileira que rendeu o instigante ensaio "Semana de 22 – entre vaias e aplausos". Nele, a autora reconhece a importância do evento sem deixar de lado a necessidade de uma revisita crítica, para além do oba-oba oficial: "A Semana foi coisa de panelinha", afirma, com a autoridade de quem, mais uma vez, garimpou minuciosamente documentos e tudo que encontrou sobre o assunto.

Autora de dez livros, Marcia Camargos acaba de publicar "A Travessia do Albatroz - Amor e Fuga no Irã dos Aiatolás", construído a partir de um depoimento real. Sua última missão, no entanto, foi participar da Bienal do Livro, agora em setembro, no Rio. Estar ali foi resultado de um final feliz para uma história difícil: finalmente a pendência entre a família de Monteiro Lobato e a editora Brasiliense foi superada e toda a obra infanto-juvenil do escritor pôde ser relançada, em edição caprichada da editora Globo, a nova detentora dos direitos do autor. Especialista em Lobato, Marcia

Camargos, claro, disse sim ao convite para escrever a apresentação da empreitada. Desta vez, no entanto, não dá para falar em acaso. Há, sim, o justo mérito a esta guardiã da memória nacional.



Fotos: Encontros na Villa Kyrial, com a presença de Freitas Valle

Para ler Marcia Camargos:

Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana [SENAC]

A travessia do Albatroz: Amor e fuga no Irã dos Aiatolás [Geração Editorial]

Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia [SENAC]

Juca e Joyce: Memórias da neta de Monteiro Lobato [Moderna]

Semana de 22: entre vaías e aplausos [Boitempo]

Em que ano estamos? Uma expedição pela história de São Paulo [Cia. das Letras]

Micróbios na cruz [Cia. das Letras]

Yes, nós temos bananas [SENAC]

Nas pegadas do Saci [Conex]

A turma do Sítio na Semana de 22: Uma aventura modernista [Globo]

Entrevista

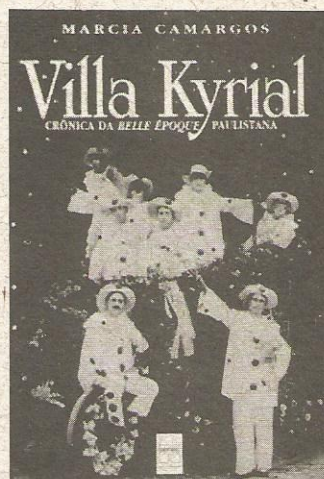
ESPECIAL MARCIA CAMARGOS

por Marcelo Cristiano Mantovani

Kyrial - *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana* era, inicialmente, sua tese de doutorado, sendo transformada, mais tarde, em livro. Como nasceu o interesse de pesquisar sobre o assunto?

Marcia - Por um desses acasos da vida, conheci um bisneto do Freitas Valle quando estava na faculdade de jornalismo. Um dia, um professor leu, na classe, um trecho do livro da Aracy Amaral sobre a Semana de 22, que falava sobre o salão artístico e literário da Vila Mariana. Conteí a ele que era amiga da família e fui fortemente incentivada a perguntar se tinham algum material guardado como cartas, documentos e fotografias da chácara da Domingos de Moraes. Na verdade, acabei encontrando um verdadeiro tesouro, que foi a mim generosamente confiado. Com a ajuda desse professor, organizei os documentos e na medida em que fazia isso, fui tomando consciência da importância daquele pedaço de história paulistana ignorada, salvo uma ou outra citação como na obra da Aracy. "Diante do meu interesse, nesse meio tempo, os familiares foram me entregando caixas e mais caixas de preciosidades contendo o que sobrara da demolição da Villa Kyrial." Com aquilo tudo em mãos, a primeira idéia era fazer uma espécie de livro reportagem, já que eu me formara em jornalismo. Depois, tendo em vista a riqueza e a complexidade desse *corpus* documental

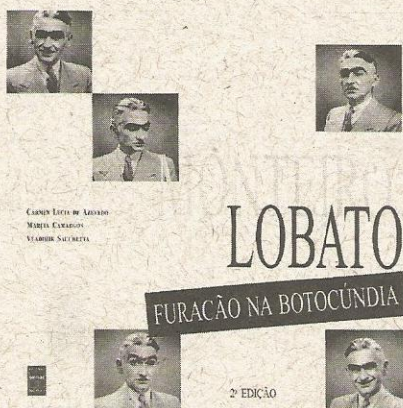
inédito, merecedor de análises e reflexões embasadas em um instrumental teórico-metodológico que eu não dominava, resolvi arriscar um doutorado direto na USP. Foi a escolha mais acertada, só que depois levei mais um ano para desconstruir a tese de modo a torná-la palatável a um público mais amplo, transformando-a no livro publicado em 2001.



Kyrial - Alguns de seus livros têm uma estreita relação com a vida e a obra de Monteiro Lobato, como é o caso do premiado Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia, que teve a co-autoria de Carmen Lucia de Azevedo e Vladimir Sacchetta. De onde vem essa paixão pela obra do autor?

Marcia - A paixão vem da infância, pois, como todo mundo da minha geração, sou filha de Lobato. Com ele aprendi a gostar dos livros e a questionar as hipocrisias da sociedade. Ao longo da pesquisa para escrever *Furacão*, fui melhor

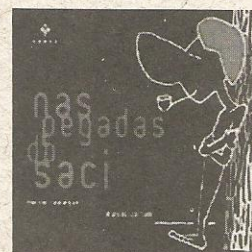
conhecendo a vida dele, as lutas, o engajamento em campanhas para colocar o país nos trilhos da modernidade, e a paixão foi aumentando. Comecei a ver um Lobato que não era apenas o autor infantil nem o algoz de Anita Malfatti e, muito menos, um retrógrado em termos artísticos. A partir do livro, meu interesse só fez aumentar e, como os prêmios que recebemos de certa forma nos legitimaram como seus biógrafos, vieram os pedidos de artigos sobre os mais variados temas para diferentes veículos da imprensa, por isso fui aprofundando as pesquisas. Recentemente, como curadora, junto com o Vladimir Sacchetta, da sua obra infantil e adulta, prestes a ser relançada no mercado, estou relendo sua obra completa adulta e infantil e toda a fortuna crítica a elas relacionadas para escrever as apresentações. Tem sido um trabalho árduo, mas extremamente gratificante.



Kyrial - O Brasil é conhecido como um país "sem memória". Em contraponto, a memória é uma marca muito forte em seus livros. Para você, como é trabalhar essa questão na literatura?

Marcia - A memória é a matéria-prima da literatura. Ela conserva as sensações do passado, as impressões que, depois, filtramos para tecer as páginas de um livro, seja ele um ensaio, romance ou biografia. As percepções, a luz, as cores e as formas ficam guardadas no grande receptáculo da memória, com suas sinuosidades secretas e inefáveis, como disse Santo Agostinho, para serem revisitadas quando precisarmos delas. Um escritor vale-se sempre da memória, não importa o gênero escolhido. O micro olhar, a pequena história do cotidiano, as lembranças individuais valem ouro na hora de compor um texto.

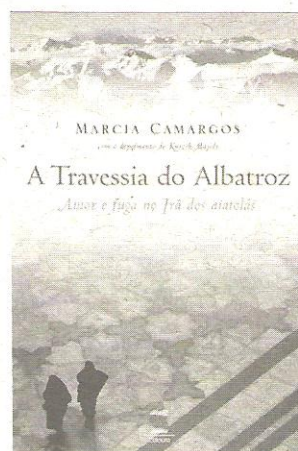
De qualquer jeito, discordo de que o Brasil seja um país sem memória. O que ocorre é que a classe dominante, salvo raríssimas exceções, não se preocupa em preservar nosso patrimônio cultural e histórico. Tampouco dá vez e voz às manifestações populares tidas como "caipiras" para uma elite que se pretende cosmopolita, elegante, espelhando-se primeiro na Europa e, agora, sinal dos tempos de decadência, em Miami. Em nome da especulação imobiliária, demolem-se marcos tão significativos quanto a Villa Kyrial, para ficarmos apenas em um exemplo contextualizado no âmbito da revista.



Kyrial - Este ano você esteve em Israel participando da 23ª Feira Internacional do Livro, junto de outros escritores brasileiros, entre eles Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca, Walcyr Carrasco e Luís Fernando Veríssimo. Fale um pouco sobre essa experiência.

Marcia - Para mim foi uma surpresa receber tal convite. E também um prazer e uma alegria compartilhar dez dias com nomes tão interessantes quanto estes que você citou. Alguns eu já conhecia, outros, só de ouvir falar. Rubem Fonseca, por exemplo, que, de brincadeira, chamávamos de "Rubem Braga", desfez, em alguns segundos, a imagem do carrancudo que não dá entrevistas nem gosta de conversar. Ele não parava um minuto, era o mais velho e o mais bem disposto e bem humorado da turma. Veríssimo, por sua vez, chegou mudo e saiu calado. Economizava as palavras, não fazia comentários e respondia por monossílabas. Não por falta de delicadeza, mas talvez por timidez, não sei. Era educado, mas não parecia vibrar como o restante de nós com tudo de diferente que víamos à nossa volta. Foi uma viagem corrida, repleta de compromissos de trabalho, entre encontros com professores nas Universidades de Tel-Aviv e Jerusalém, reuniões com escritores drusos, árabes e israelenses, palestras e debates. Foi exaustivo, mas instrutivo. Nos longos percursos de ônibus, cada hora um pegava o microfone e declamava uma poesia, contava uma piada ou lia um trecho de um livro de autoria própria. Fomos muito bem recebidos, mas eu sentia o

tempo todo que, a cada passo, esbarrávamos em contradições. Israel para mim é isso: a terra das contradições. Tanto que, sob o impacto da visita, na madrugada da minha volta, ainda sob o efeito do jet lag, eu me levantei e escrevi os únicos poemas que jamais ousei cometer. Foi a única maneira que encontrei de colocar para fora toda a minha perplexidade como um profundo desabafo.



Kyrial - Seu romance biográfico A Travessia do Albatroz - Amor e Fuga no Irã dos Aiatolás, tem uma narrativa tão convincente que pode ser facilmente confundida com a de um iraniano nato. Como foi escrever sobre um país que você nunca visitou?

Marcia - Foi um grande desafio e, ao mesmo tempo um enorme aprendizado. Em primeiro lugar, eu tinha o depoimento do personagem que, de fato, viveu uma história interessantíssima, quase inacreditável de tão fora do comum. A partir do relato dele, realizei uma extensa pesquisa para mostrar a cultura, as pessoas, o interior das casas e dos bazares, as ruínas, o enredo de Persépolis e Pasárgada, cida-

des sagrados da antiga Pérsia de Dario e Xerxes, reis da dinastia aquemênida. Li muitos livros, vi filmes e examinei centenas de imagens para ir construindo. Na medida em que o romance progredia, nós íamos acertando o passo e checando os dados para evitar uma perspectiva estereotipada ou discriminatória. Minha maior preocupação era evitar preconceitos e olhares demasiadamente ocidentalizados. Não queria que parecesse artificial, postiço. Assim, apesar das profundas diferenças entre os costumes brasileiros e os de uma cultura oriental, islâmica e fundamentalista como a do Irã, procurei fazer uma história que retratasse de forma digna e humana o drama dos que atravessaram uma época especialmente turbulenta daquele país.

Kyrial - Nos últimos anos, a literatura oriental tem conquistado especial destaque em número de vendas no mundo todo, como é o caso do best-seller *O caçador de pipas*, do afegão Khaled Hosseini. Na sua opinião, o que explica essa redescoberta na produção literária desses países?

Marcia - Essa parte do mundo sempre produziu literatura de qualidade, mas, como o Ocidente estava fechado em si mesmo, não se dava ao trabalho de traduzir as obras, que ficavam inacessíveis à maioria das pessoas do lado de cá do globo terrestre. Nos últimos anos, devido ao acirramento das relações entre ambos, com as guerras e as ameaças contra os Estados Unidos, antigo aliado de Saddam Hussein no Iraque e dos Teubans no Afeganistão na sua luta contra a ex-União Soviética, os orientais tornaram-se visíveis e despertaram interesse. É como se

apenas agora, em pleno século XXI, descobríssemos que existem povos que ousam pensar, agir e viver de forma diferente do que prega a grande potência imperialista e beligerante chamada Estados Unidos. Creio que todos nós temos a ganhar tomando contato com os hábitos, os costumes e as tradições das mais antigas civilizações do planeta.

Kyrial - Em um país carente de incentivos aos novos escritores, como é o caso do Brasil, que mensagem você deixaria para aqueles que ainda estão começando?

Marcia - Sinceramente, sem querer desanimar os autores estreantes, eu diria que sinto pena de quem está começando. Apesar do grande número de editoras e dos títulos publicados mensalmente, essa área ainda não está muito profissionalizada no Brasil. Nesse contexto, fica cada vez mais difícil furar o bloqueio e conseguir que as maiores editoras sequer leiam os textos enviados. Mas o pior é ser obrigado, depois de o livro pronto e impresso, a mendigar espaço na imprensa. Se o livro não aparece na mídia, ele não vende e, por isso, o autor, além de escrever, burilar o texto, batalhar um editor, depois tem que correr atrás dos jornalistas, bancar o insistente para que sua obra seja avaliada e resenhada. Em todo caso, como já disse Rainer Maria Rilke, nas Cartas a um jovem poeta, se você é mesmo um escritor, nada disso o desanimará e, com alguma sorte, seus livros serão publicados e lidos. Ou seja, não se deixe intimidar pelos gigantescos obstáculos e não desista nunca!

Poesia

FLORESCER

Flores! Ao dom-criação se elevem!
 Levem a eles um quê de natureza
 Assim sentiremos o que é doce beleza
 Vinda de vós. Oh, brotos, comecem!
 Inundar a vida de letra e poesia
 A enfeitar o dia com flores literárias
 E que chovam textos de dor e alegria
 Molhando mentes, criadoras várias
 Ao mesmo tempo a busca, a conquista, o resgate
 Rica seja a terra que as idéias gera
 Celeiro de obras de grande quilate
 E o conhecimento assim se prolifera
 Levado por sonho que real se fez
 O novo-antigo meio de comunicação
 Nas mãos desses jovens de tanta altivez
 A flor já se fez, fincou raiz no chão
 Ventos que movem, espalhai sementes
 Inundando mentes com dom magistral
 Louros se dêem às flores eminentes
 Levados por sonho, no real presentes
 Ao criar de novo a Villa Kyrial!

Paulo Henrique Rodrigues

KYRIAL

Entre	saraus, almoços e eventos,
A nata	da intelectualidade
Reunia-se	para nos deixar
Um legado	de compromisso com a alma humana.
E chega o dia	de nos debruçarmos
Sobre a leitura	com o coração
E de não deixar	o espírito Kyrial morrer!
Eis o momento	de deixar seu corpo exprimir
A emoção e a	paixão desveladas pela expressão escrita
A imaginação	revelando anseios da alma
Coisas belas	que, ao serem publicadas
Através de	grandes façanhas,
Serão	sempre lembradas.

Flávia Alessandra Alves



KYRIAL

{APELIDARAM-NA DE VILLA}

Zé...pelim (!)

Um carrossel carmesim.

O periquito no realejo: cata-vento.

Um tocador de tuba no coreto.

Menina, sardas e trança... encanta!

Cartolas e chapéis coco,

órbitas em girândolas,

charutos e cigarrilhas.

Armazém: secos e molhados.

Bazar cigano,

Na confeitaria em mafagafos,

poetas pasquins,

colombinas, momos e arlequins.

Pornochanchada,

uma comédia rasgada,

murmurinhos em revoada,

faunos, górgonas e sátiros.

Mórbida serenata...

Reverenciam multidões,

nos prismáticos portões.

A porta-estandarte e

o cavaleiro do elmo escarlate.

Estátua de arame e alcaçuz,

alfenim magistral...

O mártir da Villa Kyrial... !

Júlio César da Silva



BICHO-DA-SEDA

{ALMA DE PAGU}

Lua cálida, romanesca.

Baobás e balangandãs.

Usuras, ungüento.

Rolaram as pedras... rosetas!

Eclipse escolástico...

Da vulva esquiva a musa.

Batom vermelho nos lábios e espelho,

no lampadário vacila o escaravelho

Olhar de pérolas, unhas compridas,

anelares e polegarinas.

Meias listradas, pó de arroz,

perfume de cravos e sândalos.

Sobre a penteadeira,

a rosa mosqueteira...

Caramujos em arrebol,

balé caracol.

Réquiem de bandolins,

refrões e versos inacabados...

No livro de cabeceira,

aos pedaços um retrato,

preto e branco 3x4

Um brinde ao príncipe oswaldino,

transborda o cálice absinto...

Abóbadas no céu da boca,

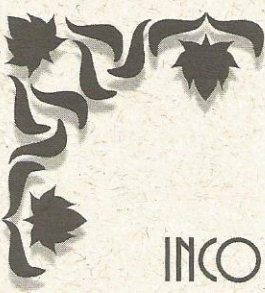
castelo etéreo,

vitrais antropofágicos.

Eclipse escolástico...

Júlio César da Silva





INCONTESTÁVEL

Ontem eu nasci.
E, enquanto tudo acontecia independente disso
Eu observava, independente de tudo, as procissões.

No ônibus, um sujeito
mais perto do fim que do começo
Dizia para outro
diabético menos velho que ele
Do banco de trás:
- *O sentido da vida é a morte!*
A música urbana não parou

(será que ninguém mais viu?)

E r a D e u s ali abrindo para mim
como qualquer outra mulher que tem certeza
Seu livro inteiro azul de UNICO VERSO
E, de resto, ficaram as teorias...

Thaís Ferraz




TURBILHÃO

Sou um turbilhão de cores
O branco dos dentes disputa
Com o claro da pele as luzes
do sol

Sempre digo aos senhores
Para seguirem firmes na luta
De desenredar as cores e cruzeiros
e anzol

Alguns fios negros emaranharam-se
Raios lilases, verdes e azuis também
A eles me juntei, me enredei
Branco, rosa, azul, anil
A mil

Os arco-íris são belos e efêmeros
São meus modelos, novelos, adoro vê-los
Adoro contemplá-los na sua amplitude
Magnitude

Sou um turbilhão de cores
Eu sei que sou
Para cada um jogo uma cor
Dela floresce um amor

Sempre em frente vou
Buscando a cor do impossível
Qual será?

Ricardo Maciel



THERE WAS A TIME

For Nair Fobe

There was a time
When life was full of hope
There was a past time
Busy with the joy of children.

There was a moment
When things were made of pebbles and snips
And were kept in the pocket
To be used as pieces of a puzzle.

There was a time
When the clock was never late
And your eyes owned mine
And my hands held yours.

There was the sound of a piano
Playing in the family room
There was a lullaby and a song
Sung by dearest mummy.

There was a time, then
—When it was so natural to laugh
Good old sunny days
—When it was so easy to play.

There was a unique time
That went away.
This same old time
Renounced one day.

Vera Lúcia Pereira





Conto

A GUERRA DAS LETRAS

Em um Mundo imaginário chamado Papel, um G solitário encontrou uma Ç solteira e ambos fundiram-se: Gecidilha.

Aos poucos passaram a procriar. Engendraram vários Gs, Çs e Gecidilhas, aumentando cada vez mais a prole que viveu uma infância totalmente letrada, divertida e poética sem Grandes preocupações.

Tudo ia muito bem dentro do Papel até que o Neoletrismo (ou seria Beletismo?) atingiu a maturidade e precisou buscar emprego para sobreviver sem a ajuda de seus pais.

Neoletrismo largou a divertida Poesia da infância de outrora e foi trabalhar para a Prosa. Tendo um gerente substantivo e explorador de nome Parágrafo (que era amante de sua secretária, a Frase), acabou assumindo posição servil. Não poderia sair da margem, tinha um presidente chato chamado Escritor de Auto Ajuda e a soma dos produtos que realizava, isto é, as palavras, era o lucro do patrão Texto que não fazia nada, mas ficava com o significado todo para si.

Não demorou muito, as letras se rebelaram, misturaram-se em anagramas sem significação, fizeram uma revolução, uma guerra gramática, as palavras começaram a ser fabricadas com defeito, o Escritor foi perdendo aos poucos o controle sobre as letras e o Texto entrou em crase, faliu, ficou arruinado nesta luta vencida pelo proLETRariado.

Ah, sim! Quanto ao Parágrafo e a Frase? Perderam o emprego e tornaram-se autônomos, de vez em quando são citados por aí.



Autor Gustavo Silva, ou simplesmente G.

Dedicado à Cecília Gomes, Cica, ou simplesmente Ç.



Crônica

CIGARROS

Ao passar pela locadora, avistei, dentro do bar vizinho, um rapaz sentado a uma mesa, um cigarro entre os dedos, um copo meio cheio (ou meio vazio?) de água e um esboço de sorriso. A mão esquerda segurando o cigarro, alternadamente levando o veneno à boca e ao cinzeiro. Brotou-me a maldita idéia. O que faria ele ali? Por que fumava? Por que esboçava um sorriso, ou seria aquilo o fim de uma tristeza?

Entrei na locadora, devolvi meu filme e procurei em meus bolsos algum trocado. Decidi entrar no bar para comprar qualquer besteirinha, apenas para ter a chance de olhá-lo novamente. Era bonito, até. Cabelos negros, porte grande. Mãos impacientes dedilhando a borda da mesa como um pianista de mente bloqueada em busca da melodia perfeita. Achei uns quatro reais. Suficiente.

Parei diante da porta. Ele não estava mais sozinho. Outro rapaz sentara-se à mesa. O esboço se tornara um largo sorriso e o cigarro foi apagado. As mãos impacientes acalmaram-se ao toque do segundo sujeito, ao colocar sua mão por cima da do outro. Entrelaçaram-se. Torci para que se beijassem, o que não aconteceu. Fiquei parado ali, admirando a pequena cena de amor.

Em minha solidão, decidi comprar um maço de cigarros.

E eu não fumo. Nem vou fumá-los. Apenas decidi comprá-los.

Fábio Blanc

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA ADULTA

A vida adulta traz consigo um pouco de independência, de responsabilidades e, conseqüentemente, algumas descobertas. Descobri, nos primeiros meses da minha vida adulta, que droga que é ficar a manhã inteira com fome porque decidi dormir mais um pouco ao invés de fazer meu café. Depois, eu descobri que droga dupla é acordar mais cedo que o normal para preparar seu próprio café e ficar com sono o resto da manhã. No final, eu descobri a droga tripla que é acordar cedo para fazer seu próprio café e ficar tanto com sono quanto com fome durante a manhã porque descobri que não sirvo nem para passar manteiga no pão, muito menos para ferver a água e só sei fazer torradas de um sabor: carvão.

A vida adulta me fez descobrir habilidades as quais eu nunca imaginei ser capaz de possuir. Uma delas é sustentar cinco quilos de livros nas costas, mais dois livros sob o braço direito, usar o braço esquerdo para me segurar nas barras do ônibus e, com apenas dois ou três dedos, contar o dinheiro da passagem. Tudo isso com o grito da torcida: “vai logo animal”, ou então “tem mais gente querendo passar na catraca”. Dizem que, na vida adulta, o homem deixa de sonhar. Eu acho isso uma grande bobagem. Nunca sonhei tanto na minha vida como agora: sonho em ganhar na loteria; sonho em ter um carro; sonho com meu chefe morrendo em agonia. Não sei se devo considerar meus pesadelos com contas a pagar ou com cheques voltando neste texto.

Minha mãe sempre disse que eu tenho um estômago de leão, mas, hoje, eu descobri que eu tenho um estômago de avestruz porque, na pressa do dia-a-dia, coxinhas e raviólis de bares e botecos são minha dieta básica. Tudo isso regado a muito café frio e lágrimas que não partem dos meus olhos, mas do meu sistema digestivo em geral. Juro que se estudasse EC (engenharia civil) faria uma tese de mestrado sobre o uso da massa de coxinha de bar como cimento nas construções de grande porte.

Quando fui morar sozinho, meus amigos me disseram que eu ia me sentir isolado e meio solitário. Hoje, eu concluo que não, visto que o banco e a empresa de luz e telefone mandam periodicamente cartas para mim. Torço para que o assunto “corte dentro de três dias por falta de pagamento” seja trocado por outro. Cansa ficar falando sobre a mesma coisa sempre, não?

Respirar? Juro que sabia o que era isso.

Encontrei um ex-professor meu que disse que o conhecimento pesa mais que ouro. Devo admitir que sim, principalmente quando o meu dicionário de Latim caiu no meu pé. Lembro de meu avô e sua sabedoria baseada no ócio da aposentadoria: O trabalho enobrece, engrandece e aborrece o homem. Concordo sem dúvida alguma com a última parte.

Nilton Ribeiro dos Santos Junior

Opinião

ESTUDOS DA MULHER

Ao longo da história da imprensa brasileira, a mulher profissional tem recebido diferentes formas de tratamento, quase sempre de maneira subestimada e irônica. Considerada o “sexo frágil” da sociedade, há muito tempo ela tem lutado contra os padrões sócio-culturais impostos, principalmente pela mídia, que teve um papel decisivo na construção dessa imagem preconceituosa e machista.

O atual projeto, do qual faço parte há um ano, busca observar as diferentes maneiras de representação da mulher profissional na mídia impressa. Com base na Análise Crítica do Discurso, considerada uma análise do discurso público, são analisadas as representações falsas e as discriminações manifestas na linguagem, que foram distorcidas e instaladas como verdade através do tempo. A experiência com pesquisa, no período da graduação, tem sido um instrumento valioso para a compreensão desse tabu na sociedade brasileira. Para desenvolver um projeto assim, é necessário buscar o conteúdo existente na área, além de coletar e analisar dados, atividade que requer tempo e disciplina.

Para isso são utilizadas estruturas e estratégias de discurso (tais como a metáfora e a ironia), responsáveis pela dissimulação de sentidos. Cabe ao pesquisador expor a ideologia implícita nesses discursos e desconstruir essa imagem. Porém, a discriminação em relação à mulher profissional na sociedade brasileira é cultural e só será amenizada lentamente, num processo de avanços e recuos.

Participar de um projeto de pesquisa tem sido uma experiência única e, com certeza, será de extrema importância para os meus planos futuros, pois, além de ter ampliado meu conhecimento teórico, permitiu-me novos contatos com professores e com bolsistas de programas de iniciação científica e elaboração de textos científicos. Para quem pretende ingressar em um projeto como este, vale lembrar que a Iniciação Científica também abre portas para a pós-graduação.

Brunna Cantusio

Cinema

OS SONHADORES

Baseado no romance homônimo de Gilbert Adair, *Os Sonhadores* é o último filme do diretor italiano Bernardo Bertolucci, que já dirigiu, entre outros, o polêmico *La Luna*, o poético *Beleza Roubada*, além do famoso *Último Tango em Paris*. Sem abandonar a temática dos tabus sociais, como homossexualidade, incesto e drogas - muito comum em seus filmes - Bertolucci fez de *Os sonhadores* uma brilhante homenagem à sétima arte.

A história se passa na França, no ano de 1968, enquanto vários conflitos estudantis ocorriam. Matthew, o personagem principal, é um garoto americano, cinéfilo, que vai a Paris estudar. Na Cinemateca, seu local favorito na cidade, conhece os irmãos gêmeos Isabelle e Theo e, imediatamente, identifica-se com eles e com suas idéias, principalmente por compartilharem da mesma paixão pelo cinema. Quando os pais dos irmãos saem para uma viagem, eles convidam Matthew para ficar hospedado em sua casa. Lá, ele testemunha o estranho relacionamento entre os irmãos, que são praticamente amantes, e assim, passa a ser vítima de seus jogos. Matthew acaba se apaixonando por Isabelle, e o triângulo amoroso que se desenvolve entre eles confere ao filme muito erotismo e sensualidade. No entanto, o filme de Bertolucci não cai na vulgaridade.

Vale prestar atenção ao contexto da trama, especialmente quando o diretor utiliza imagens reais de momentos históricos da época, como, por exemplo, o fechamento da Cinemateca Francesa e as greves estudantis que irromperam em algumas universidades e escolas de ensino secundário. Na sequência, há cenas memoráveis, como aquela em que os personagens tentam quebrar o recorde dos protagonistas de *Bande à part*, de Godard, ao atravessarem todo o museu do Louvre, além das recriações de momentos inesquecíveis de vários clássicos do cinema, como se fosse uma viagem nostálgica por *Scarface* (original), *Shock Corridor*, *Rainha Cristina*, *Luzes da Cidade*, *Vênus Loira* e *A General*. Há, também, discussões entre Matthew e Theo sobre Buster Keaton, Charles Chaplin, Jimi Hendrix e Eric Clapton.

Esta obra-prima de Bertolucci é, sem dúvida, um filme que merece ser apreciado em cada detalhe. Uma oportunidade única de assistir a uma verdadeira declaração de amor ao cinema, essa inesgotável máquina de sonhos.

(The dreamers - Inglaterra/Itália/França, 2003. 111 minutos. Direção: Bernardo Bertolucci)

Fernanda Marchesim Leite

Ensaio

LA GUERRA EN PROVINCIAS

Si un lector brasileño cualquiera quisiera acercarse a la literatura española del siglo XX sólo por curiosidad, se encontraría con algunos problemas. Todo el mundo sabe que la historia del país fue compleja y que hubo una guerra civil, pero no es tan normal conocer los mil factores que intervinieron en esa guerra, hasta dónde se han prolongado sus consecuencias, los nombres de las organizaciones implicadas, los de los actores, etc. Referencias que los lectores españoles captan rápidamente porque es una historia cuyas huellas siguen presentes en la memoria de las familias y en las calles de las ciudades, y que se asoma como un fantasma a las páginas de los periódicos de vez en cuando.

Pero además, existe un factor que llamaríamos "regional" que también dificulta la lectura. Una de las cosas que más sorprenden a los extranjeros al llegar a España es la diversidad del país, el hecho de que convivan diferentes idiomas y costumbres y el hecho de que sea deporte nacional cargar de prejuicios en cada región a todas las demás. No es de extrañar que no se conozca bien esta diversidad, porque durante mucho tiempo el país fue administrado según un modelo rígidamente centralista. Algunas personas trasladan el inicio de esta política al siglo XV, otras a la llegada de los Borbones en el XVIII y otras a la época de las revoluciones liberales, entre 1833 y 1868. Fuera como fuera, el hecho es que durante el siglo XX los defensores de las peculiaridades regionales de España tuvieron que pujar contra un modelo de Estado que tenía por desideratum que desapareciesen en aras de un concreto plan de unidad nacional.

En este estado de cosas, la vida cultural tendía a orbitar sobre la capital, Madrid. Junto a ella, Barcelona sobrevivía no tanto por la fuerza tradicional de la cultura catalana como por la cantidad de dinero que movía la industria de esta ciudad. Todo lo demás era "las provincias", pequeños núcleos de monotonía y languidez donde cualquier iniciativa un poco atrevida parecía destinada a fracasar. Los escritores debían abandonarla y lanzarse a la aventura madrileña si querían prosperar. Por eso, buena parte de la literatura del XX española en lengua castellana se desarrolla en esa ciudad. No es exagerado decir que muchas veces es recomendable tener en la cabeza un plano de Madrid para poder entender las novelas. Tener otro de Barcelona tampoco estaría mal.

Sin embargo, a partir de 1977, con el regreso de la democracia, el panorama se ha ido alterando. La nueva administración estatal tiende a la descentralización. Ahora existen 17 Comunidades Autónomas (lo que en Brasil equivaldría a "Estados", gobiernos regionales con amplios poderes) y dos Ciudades Autónomas (Ceuta y Melilla, las posesiones africanas). El cambio supuso el reconocimiento explícito de la diferencia regional antes soterrada. La consecuencia inmediata fue la inyección de un chorro constante de dinero en las regiones, que luego se multiplicó gracias a la ayuda de la Unión Europea. En el terreno de la cultura, las nuevas administraciones se encargaron de potenciar los pequeños y olvidados centros culturales provincianos. Esto posibilitó que en parte los jóvenes escritores pudiesen liberarse de la esclavitud del paso por Madrid, aunque también implicó que mucho arte de escasa calidad encontrase un lugar en el panorama cultural amparado en la

necesidad de dotar de algún contenido a los nuevos continentes.

El lugar del mecenazgo estatal en la España autonómica es motivo de polémica hoy en día. Mientras algunos se quejan de que se proteja a los autores por motivos ajenos a los estrictamente referidos a la calidad de las obras y advierten de la instrumentalización política de la cultura por parte de los grupos nacionalistas, otros exigen esa protección, que debe servir de contrapeso a tantos años de rodillo centralista. Este es un tema que aún ahora puede ser motivo de fuertes debates.

Manuel Rivas es un ejemplo de lo que decimos. Es escritor que ha encontrado eco en todo el territorio español desarrollando su trabajo desde el nivel regional. Nació en Galicia, concretamente en A Coruña, en 1957. Inició su carrera en plena transición a la democracia. Ha publicado siempre en primer lugar en lengua gallega, pero desde finales de los años 80 sus obras son inmediatamente traducidas (por él mismo) al castellano. Ha desarrollado además una intensa labor como periodista que le ha dado cierta popularidad. Actualmente, es una de las firmas estrella de "El País", diario de mayor difusión en el país y referente de la izquierda.

Ideológicamente, Rivas ha sido uno de los primeros defensores españoles del nuevo progresismo de tintes ecologistas y altermundistas. Simpatiza además con el nacionalismo gallego, reivindicando sus propios orígenes personales campesinos y obreros. Tradicionalmente, en Galicia la brecha entre las clases trabajadoras (pobres hasta rozar la miseria más negra) que se expresan en lengua vernácula y las clases dirigentes que se expresan en español es brutal. Por eso, al exaltar la dignidad de la decultura popular de la región, el nacionalismo gallego ha seducido muchas veces a la izquierda.

La última obra de Rivas se titula *Los libros arden mal* (en gallego, *Os libros arden mal*). Su tema es la guerra civil y su objetivo mostrar en qué modo afectó al

desarrollo de la sociedad gallega. Guerra y represión no son motivos nuevos en el autor, pero en este caso hay una evidente vocación de obra magna. Es la *summa* del pensamiento de Rivas acerca de la historia contemporánea de su tierra: 750 páginas que recogen una labor de documentación de años.

La trama se centra en las vidas de una serie de personajes ficticios que se cruzan con otros históricos y que se mueven por unos escenarios reales, principalmente por la ciudad de A Coruña. El punto de partida de la novela es un acontecimiento que aún se recuerda en esta pequeña ciudad: en agosto de 1936, la Falange local (el partido fascista) organizó como espectáculo público la quema de miles de libros requisados. El título de la obra nos indica el carácter simbólico que Rivas da a este acontecimiento y se conecta con el sentido global de la novela: los golpistas del 36 intentaron reducir a cenizas todo un movimiento ilustrado que amenazaba el régimen de dominio y explotación imperante en España, pero aunque llenaron el país de sufrimiento, fracasaron. Esta consideración general, sin embargo, precisa para su cumplimiento de una labor colectiva al frente de la cual se pone nuestro autor: la reconstrucción de la memoria de la ciudad, que sirve para negar la falsa historia que el fascismo superpuso a golpe de fusil. La idea de fondo es que la dictadura intentó borrar físicamente las huellas de sus rivales alterando la fisonomía de la propia ciudad. La ciudad de la dictadura es una mistificación alienante y Rivas toma la carga de restaurar las formas legítimas. Buena parte de la trama se desarrolla en el barrio que le vio nacer, Montealto, sede de varias sociedades obreras de corte anarquista en los años 30, núcleo de una tenaz y silenciosa resistencia en los primeros tiempos de la guerra y finalmente víctima de la represión más feroz. Los hechos contados son aquí

strictamente históricos y el valor de la novela dimana de que sean puestos en circulación. Quizá por ello no sea cultura popular de la región, el nacionalismo gallego ha seducido muchas veces a la izquierda.

La última obra de Rivas se titula *Los libros arden mal* (en gallego, *Os libros arden mal*). Su tema es la guerra civil y su objetivo mostrar en qué modo afectó al desarrollo de la sociedad gallega. Guerra y represión no son motivos nuevos en el autor, pero en este caso hay una evidente vocación de obra magna. Es la summa del pensamiento de Rivas acerca de la historia contemporánea de su tierra: 750 páginas que recogen una labor de documentación de años. impropio conectar esta novela con el trabajo de las asociaciones que actualmente luchan en España por la exhumación de los cadáveres de las víctimas de la dictadura aún sin identificar y, en general, por la recuperación de lo que llaman "la memoria histórica": las huellas de republicanismo que Franco quiso aniquilar.

Este gran paseo que Rivas propone ha encontrado pronto eco en todo el Estado español. La novela ha sido pronto premiada a nivel nacional y ya ha entrado en el elenco de las obras de referencia sobre la guerra civil, todo un género moderno en la literatura española. Desde la narración de acontecimientos locales, se ha conseguido el reconocimiento general de un público interesado en profundizar en la diversidad española tanto como en sacar conclusiones generales de historias concretas.

La nueva literatura española sigue ocupándose con éxito, por tanto, del viejo tema de la guerra civil.

Óscar Esquivias es un caso semejante de escritor que centrándose en su región, novela la guerra en su ciudad. En este caso, se trata de un castellanoleonés, de Burgos. En sus dos últimas novelas, parte de una trilogía aún sin terminar, recorreremos la ciudad en los meses fatídicos del verano del 36. Esquivias nació en 1972, así que es bastante más joven que Rivas y el ambiente de su juventud no fue la agitación del fin de la dictadura, sino la placidez de la alternancia de gobiernos

democráticos de los años noventa. Sus novelas no tienen tampoco ese sentido reivindicativo y abiertamente político.

Los momentos previos al golpe de Estado sirven de ambiente a la primera novela, titulada *Inquietud en el paraíso*. La trama se separa diametralmente de la evocación histórica de Rivas. Un canónigo de la catedral de Burgos afirma haber realizado un descubrimiento sorprendente: la parte dedicada al Purgatorio en la *Divina Comedia* no es ficción, sino que hay que considerarlo como un libro de viajes. Dante estuvo realmente dentro de él porque existe una puerta de acceso que está nada menos que en la misma catedral burgalesa, bajo un sepulcro. La novela concluye con la entrada de un grupo de expedicionarios en la cripta, el mismo día que se produce el golpe de Estado.

Hasta aquí, dentro del plan general de la trilogía, hemos asistido a una descripción del Paraíso, el mundo apacible, gracioso y un poco disparatado de la provincia anterior a la guerra. El elemento de inquietud a que alude el título y que introduce tensión en la novela son los rifirrafes entre izquierdistas y conservadores y previos a la asonada militar. La segunda novela, *La ciudad del gran Rey*, representa el paso por el Purgatorio. El trabajo literario se adensa. La expedición ha entrado en la cripta y ahora vaga por una ciudad deformada, un mundo de pesadilla. Es imposible orientarse y aunque se reconozcan puntos concretos, las calles parecen moverse constantemente. La ciudad flota sobre un magma plástico. Es una noche continua llena de seres extraños y peligrosos. Las piedras cobran vida y atacan a los humanos. La violencia impera. El dinero ha dejado de tener valor y los habitantes comercian con dientes. El único deseo de los protagonistas es encontrar el camino de regreso a "España". La influencia del esperpento en esta segunda novela es tan clara que ni la vamos a nombrar. Lo interesante es el modo en que se inicia el texto, con unos fragmentos apócrifos de documentos guardados en el Museo Militar de Toledo que no podemos saber si son comunicaciones de los expedicionarios o partes militares del mundo real. Es evidente qué representa este Burgos

laberíntico y pesadillesco. Esta obra no ras-
treas como la de Rivas las huellas del
pasado sobre las piedras presentes de
su ciudad, sino que utiliza las calles que
el autor ha pateado en su propia vida
durante años para construir imaginati-
vamente un nuevo plano sobre el que
se proyectan sus conclusiones acerca
del conflicto armado. La reflexión tiene
un perfil mucho más simbólico pero no
menos claro. Aquí no hay "memoria his-
tórica" ni conflicto entre dos construc-
ciones urbanas contrapuestas, sino el hun-
dimiento de la ciudad en lo oscuro. El
lector que conozca Burgos sentirá la an-
gustia de verla sumirse en el caos.

Hay otra diferencia aún mayor con
Rivas. Según el propio Esquivias ha co-
mentado en más de una ocasión, en el
momento de concebir la novela, la
trama del canónigo que busca la puerta
del Purgatorio llegó antes que la idea de
ambientar la obra en la guerra civil. Es
decir: ante todo se trata de una novela
fantástica y de aventuras. La reflexión
sobre la guerra es indispensable, pero
no es el centro de la obra. Quizá por ello
podamos resumirla simplemente en que
"fue algo horrible". Indica esto algo muy
importante: a la espera del final de la tri-
logía, parece ya clara la opinión de Es-
quivias: en esta locura no tiene sentido
buscar un grupo de buenos y otro de
malos; sólo hay víctimas desesperadas
de verdugos monstruosos. La ideología
que movió a unos y otros no cuenta
nada a la hora de enjuiciar el conjunto.

Pero además, lo más relevante es
que se trata de un asunto del pasado.
La fantasía entra de lleno en la obra
porque se mira la guerra desde la pers-
pectiva de alguien que la conoció por re-
ferencias familiares o por sus estudios.
La guerra del 36 es un material, un
marco excepcional para la narración. La
alegoría de Esquivias significa una este-
tización del horror que vivió su ciudad
con vistas a crear el ambiente propicio a
la aventura de sus protagonistas.

Aparentemente, las obras de estos
dos autores que hemos mencionado
sólo coinciden en un par de rasgos: la
ambientación en los tiempos de la
guerra civil y el hecho de contarla
"desde la provincia". Hay, sin embargo,
otro punto de unión, un poco más sub-
terráneo, que puede ser interesante
tocar. Se refiere al modo de enfocar la
guerra en su conjunto setenta años des-
pués y nos puede informar acerca de
cómo la literatura española -y segura-
mente toda la sociedad- está evolucionando
en la lectura de su propio
pasado.

La reivindicación del sufrimiento
obrero de Rivas parece indicar un punto
de vista muy alejado de la neutralidad
de Esquivias. Parece que aquí tenemos
dos maneras contrapuestas de hablar
de la guerra, una que da por zanjado el
asunto y otra que se preocupa porque
esto no suceda. Pero hay un factor de la
obra de Rivas que tenemos que tener
en cuenta: sus reclamaciones no pasan
del mundo de lo simbólico. En los dos
autores hay un mismo tratamiento de la
guerra en clave de símbolo. Y hay tam-
bién un conformismo de fondo, no con
lo que sucedió, sino con la realidad
actual contra la que se refleja la guerra.
Una coincidente manera de mirar hacia
el pasado como pasado. Rivas nos
narra la represión y denuncia su salva-
jismo, pero la solución que propone no
pasa de un cambio de nombre en las
placas de las calles. Del mismo modo,
la obra -que no pide cuentas a los ver-
dugos- se limita a reconocer la bondad
de las víctimas, que eleva a paradigmá-
tica. Busca que sus descendientes (no
necesariamente biológicos) puedan en-
carar el pasado con autoridad moral.
Tampoco se pide el regreso de ese
pasado ni se propone un modo concreto
de continuación de aquel trabajo ilustra-
dor que tanto se admira. El simple
hecho de identificarse retrospectiva-
mente con un bando parece socialmen-
te suficiente. Hace poco,

Rivas lideró en su ciudad un acto de reconocimiento a los represaliados del franquismo. Tuvo el aspecto de un encuentro con sus lectores: un paseo colectivo por las calles de su novela, como en un vía crucis laico cuyas estaciones fueron las antiguas sedes de las organizaciones obreras. Se leyeron poemas y se tocó un poco de música republicana. Fue un acto de ocupación del espacio público similar a aquellos en que el escritor participó cuando el *affaire* del Prestige. En aquel entonces, un petrolero acababa de hundirse frente a las costas gallegas, provocando una inmensa marea negra que el gobierno no sólo no atajaba sino que intentaba ocultar. Rivas colaboró en la organización de grandes movilizaciones populares que coparon las calles: actos simbólicos, como por ejemplo clavar cientos de cruces en una playa para representar la muerte del mar. Plásticamente fue un éxito y las imágenes conmovieron a parte de la población. Sirvió para que se sintiese autoafirmada como garante moral de la continuidad de la nación

herida. Ahí terminaron las consecuencias. El gobierno siguió firme y nada cedió. Se trató de una serie de acciones llenas de simbolismo que reaccionaban ante unos acontecimientos nada simbólicos. Ahí anida el conformismo: conversión en materia artística -y por ello neutralizada, sin fin- de la memoria o de la actualidad. En última instancia es la aceptación íntima de que una operación estética que tiene el aspecto de una fiesta es la principal respuesta posible ante la realidad. También es la conversión de la realidad en cuento. En el fondo, pasados tantos años, es ver que el hecho histórico de una guerra es un asunto para la imaginación, moldeable y sin repercusión futura. Una pesadilla, sin duda, pero de la que ya hemos despertado. De este modo tan peculiar los españoles estamos dejando que los muertos entierren a los muertos

*Autores Telmo de Paz Luis
y Silvia Camarero Ausín*





Concursos



I CONCURSO DE MICROCONTOS

Entre Abril e Agosto de 2007, dois concursos literários promovidos pela Kyrial movimentaram os alunos do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Confira os textos vencedores:

I Concurso de "Microcontos 500 caracteres": A Comissão Julgadora foi composta por uma banca de referência, formada por professores do curso de Letras da universidade.



APENAS UM NOME

A culpa toda foi de meu pai, ao me dar um nome tão exótico: Kyrial de Freitas Valle.

Cresci complexado, agüentando a gozação dos colegas. Sonhava em ser jogador de futebol, mas logo desisti. Kyrial, isso lá é nome de artilheiro! Nem para gandula servia. Tentei ser cantor sertanejo, garoto-propaganda de supositório e até deputado federal. Nada.

Hoje, erro por aí em busca de identidade. Não sei se sou um homem ou um clone de ameba. Mesmo que me chamasse Zé ou Platão, será que eu saberia?

Carlos Eduardo Sigrist



Carlos Eduardo Sigrist, 29 anos, nasceu em Indaiatuba-SP, onde colaborou com um jornal da cidade, publicando crônicas. O autor participou do Mapa Cultural do Estado de São Paulo (categoria conto) nos anos 2005 e 2006, vencendo as etapas municipal e regional. Formado em Engenharia Mecânica, é aluno do último ano do curso de Letras da PUC.





I CONCURSO DE "FAIRY TALES"



Concurso de "Fairy Tales": O concurso foi destinado ao alunos do último ano da disciplina de Literatura Inglesa, sob orientação da professora Nair Leme Fobe. Os textos foram votados pelos alunos do curso de Letras do período matutino.

THE ORCHID OF LOVE

Artemis was a beautiful princess. She had green eyes and curly blond hair. Artemis liked flowers, specially orchids and she had a big garden full of orchids.

She spent all day in the garden. Apolo, a handsome young guy, was the son of Joaquim, the gardener of the castle. Apolo helped Artemis to take care of the flowers. They were great friends. Everyday was the same thing: they spent hours and hours together taking care of the orchids.

Artemis had many types of orchids, except one: the rare blue orchid. She had read about this flower in a book. She was sad because she knew that it was difficult to find it. After a long time together, Apolo and Artemis fell in love. Her parents, Helena and Bruno, didn't approve of the romance. One day, Artemis met Apolo and said:

- I love you Apolo, but my parents don't like you.
- I know Artemis, but I'll never forget you.
- There will be a ballroom to celebrate my birthday, and I wish you were there.

On november 27th, her birthday, Artemis got from her parents a beautiful dress. The party was wonderful: it had many princes interested in the princess.

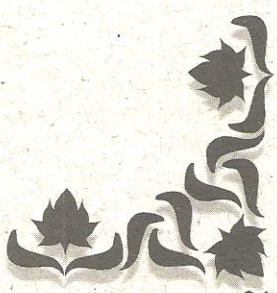
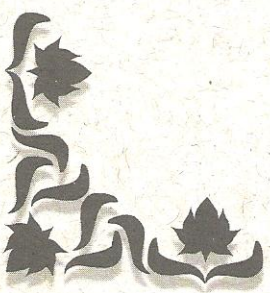
Artemis was so sad that didn't wait until the end of the ball. She went to her room and when she turned on the light she saw, over her desk, a big blue orchid - the rare orchid.

Artemis was very happy because she knew that Apolo had found the flower for her. Next day, Artemis met Apolo.

- Thank you so much! I loved the flower!
- Ok, Artemis. But now I want to know something: I love you! Would you marry me?

She gave him a long kiss. Artemis faced her parents and married Apolo. They lived happily ever after.

Livia Frigo



UM SONHO

No calor de Massada, fecho os olhos e adormeço.
Sonho que o rei Herodes
Louco de tristeza e solidão
Convida os escravos para um banquete no palácio
Com eles reparte o pão e multiplica o vinho
Semeando de peixes o deserto ao redor.

Após quatro anos de cerco implacável
Os romanos constroem a ponte de acesso à fortaleza
E o exército de César avança sobre judeus rebeldes
Mas os soldados trazem as mãos limpas de sangue
De propósito esqueceram as espadas
Nos acampamentos retangulares ao pé do monte.

Quase dois mil anos depois
Não longe dali
Um muro alto cercado de arame farpado,
Rememória de outros campos funestos,
Desmorona na tarde de Shabat.

Celebrando, israelenses e palestinos
Tentam me dizer alguma coisa
Mas só ouço a voz do guia Ephraim.
Minha gente, meu povo brasileiro,
Temos que ir embora.

Acordo.



IMPRESSIONES

Pela janela do quarto do hotel,
O vento sopra as palavras
Para fora do caderno.
Tento recolocá-las de volta,
Só que as letras embaralham
Numa confusão de crenças,
Culturas e ortodoxias.
A história pesa em Jerusalém
Mais do que a maior pedra
Da tirania de Herodes.
Encolho esmagada
sem forças para dar sentido ao verbo
Tão antigo quanto as Escrituras.



PS: Jamais tinha ousado cometer poesia
nem arrematar estrofes.
Jerusalém tem dessas coisas,
Faz ateu chorar no Muro
E escritor confundir gêneros literários.

Marcia Camargos

